SARAMPO NO BRASIL (2015–2025): UM ESTUDO ECOLÓGICO SOBRE A RELAÇÃO ENTRE COBERTURA VACINAL E REEMERGÊNCIA DE CASOS

Anna Beatriz Gonçalves Marques[1]; Mariane Negrão Ferreira Villaça[2]; Karen Gomes de Souza[3]; Isadora Azevedo Melo Nunes[4]; Lívia Souza Cândido[5]; Thairiane Guimarães[6]

[1]Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES) – Trindade. [2]Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES) – Trindade. [3]Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES) – Trindade. [4]Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES) – Trindade. [5]Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES) – Trindade. [6]Docente do curso de Medicina do Centro Universitário de Mineiros (UNIFIMES) – Trindade.

O sarampo é uma doença viral altamente contagiosa, prevenível por vacina, considerado erradicado no Brasil em 2016. Contudo, a partir de 2018, o país voltou a enfrentar surtos expressivos, associados à queda da cobertura vacinal e à circulação de genótipos importados, revelando fragilidades nas ações de vigilância em saúde. Este estudo ecológico analisou a incidência de casos e óbitos por sarampo no Brasil entre 2015 e 2025 em relação à cobertura vacinal. Utilizaram-se dados secundários do Sistema de Informação do Programa Nacional de Imunizações (SI-PNI) e do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) acessados via DATASUS. Foram avaliados os dados de cobertura das vacinas dupla, tríplice e tetraviral, bem como os números de casos confirmados e óbitos por sarampo, organizados por Unidades Federativas e regiões. A análise evidenciou que, em 2015, houve apenas 214 casos; em 2018 ocorreu um aumento expressivo com 9.329 notificações, seguido de pico em 2019 com 21.704 casos, com maior impacto nos estados do Amazonas, Roraima, Pará, São Paulo e Rio de Janeiro. Em 2020, durante a pandemia de COVID-19, foram registrados 8.035 casos; na sequência houve queda progressiva: 670 em 2021, 41 em 2022, nenhum caso em 2023 e apenas 5 casos até a Semana Epidemiológica 19 de 2025. Os óbitos também retornaram: 12 em 2018, 16 em 2019 e 10 em 2020, concentrados nas regiões Norte e Sudeste. Em paralelo, observou-se melhora gradual da cobertura vacinal, embora ainda insuficiente: entre 2021 e 2023 a primeira dose subiu de 74,9% para 86,9% e a segunda dose de 53,2% para 63,5%. Apesar desse avanço, os índices permanecem abaixo da meta de 95% estipulada pela Organização Mundial da Saúde, mantendo o risco de novos surtos, especialmente em áreas vulneráveis. Conclui-se que, embora tenha ocorrido redução no número de casos após 2019, o controle ainda não é suficiente para garantir eliminação sustentada. Os achados reforçam a associação entre baixa cobertura vacinal e reemergência da doença, destacando a importância de fortalecer a imunização de rotina, ampliar campanhas educativas e intensificar a vigilância epidemiológica para prevenir novos surtos e reduzir a mortalidade evitável por doenças imunopreveníveis.

PALAVRAS-CHAVE: Sarampo; Cobertura Vacinal; Vigilância Epidemiológica;